

COLEÇÃO

75%
das vítimas de violência
policial são negros.

Branco que se formaram
na universidade
ganham, por hora,

45% a mais do que os
negros que têm a mesma
escolaridade.

Imagem retirada da obra
O regresso de um proprietário,
de Jean-Baptiste Debret*



A população negra
no Brasil

55%
dos negros afirmam já
ter sofrido preconceito
por cor ou raça.

No mercado de
trabalho, apenas
29% dos cargos
mais altos, de gerên-
cia, são ocupados
por negros.

A taxa de negros
que se formam no
ensino médio é de

61,8%,
enquanto a de
brancos é de **76,8%**.

A vida dos negros escravizados no Brasil

Nos engenhos de açúcar, por
exemplo, eles chegavam a tra-
balhar de 18 a 20 horas por dia.
Hoje, um trabalhador costuma
atuar oito horas por dia.

Muitas vezes, os escravizados eram
obrigados a usar ferramentas
de trabalho perigosas. Com isso,
colocavam a vida em risco.

Em virtude das péssimas condições
de vida, a maioria dos escravizados
não vivia muito. A expectativa de
vida nos engenhos de açúcar, por
exemplo, era de 23 anos.

Os “donos” dos escravizados escolhiam
qual trabalho eles iriam realizar. Muitos
exerciam serviços em engenhos de
açúcar, plantações de café, minas e
domicílios (onde cuidavam das tarefas
das casas), entre outros.

Toda vez que se rebelavam ou faziam
algo que não agradasse os “superiores”,
eram castigados.

A alimentação, em geral, era restrita. Um
escravizado cujo “dono” tinha dinheiro
costumava receber alimentos como feijão,
banana, arroz e farinha de mandioca.

Se o “proprietário” tivesse menos posses,
alguns passavam meses comendo apenas
laranja e farinha.

ESCRavidÃO E RACISMO

Conheça alguns dos principais fatos da escravidão
no Brasil e qual é a relação com o racismo

História: Escravidão

Entre os séculos 16 e 19,
diversos países europeus, como
Portugal, Espanha, Inglaterra
e França, adquiriam negros
africanos e os obrigavam a
trabalhar como escravos,
principalmente em suas
colônias. No caso de Portugal,
a principal colônia era o Brasil,
para onde foram trazidos
quase 5 milhões de pessoas a
serem escravizadas.

A escravidão por aqui durou
cerca de 340 anos — só acabou
em 1888, com a assinatura da
Lei Áurea. O Brasil foi o último
país do Ocidente a abolir
a escravidão.

*Jean-Baptiste Debret foi um pintor
francês e principal membro da Missão
Artística Francesa, que veio ao Brasil
em 1816 – época em que havia
escravização por aqui. Pintor oficial
da Coroa Brasileira, morou no Rio de
Janeiro por 15 anos, período em que
retratou a vida brasileira da época.

A relação entre escravidão e racismo

A ciência já provou que todas as
raças têm as mesmas condições
de estudar, trabalhar, inventar e
praticar esportes, entre outros.
Mas, em determinado período da
história, os brancos (europeus
e descendentes de europeus)
acreditavam que faziam parte
de uma raça superior e que os
negros eram inferiores. Segundo
o livro *Escravidão – Volume 1*, de
Laurentino Gomes, essa tese era
uma das justificativas usadas
para “explicar” a escravização dos
negros. Segundo essa ideologia,
os negros eram naturalmente
atrasados e menos capazes do
que os brancos, e só poderiam se
tornar mais “civilizados” caso
se tornassem escravos dos
brancos. Atualmente,
essa teoria é considerada racista
e absurda pelos mais renomados
cientistas e historiadores
do mundo.

Após o fim da escravidão no Brasil

Os ex-escravizados
ou descendentes de
escravizados não
receberam do governo
incentivos e oportunidades
para que tivessem melhores
condições de vida. Com
isso, muitos continuaram
a viver sob condições
precárias, com acesso
restrito à educação,
moradia e saneamento
básico. As primeiras
favelas, por exemplo,
foram construídas por ex-
escravizados. O Brasil ainda
sofre as consequências do
período da escravidão e
do pós-abolição: muitos
negros continuam sendo
alvo de preconceito e
tendo menos acesso a
oportunidades.

